

Schopenhauer e o Pensamento Universal

O mundo como persuasão e retórica de Carlo Michelstaedter¹

The world as persuasion and rhetoric

Fabio Ciraci¹ 

¹Università del Salento, Lecce, Italia.

RESUMO

Esta contribuição visa apresentar brevemente a vida e a obra do filósofo italiano Carlo Michelstaedter (Gorizia, 3 de junho de 1887 - Gorizia, 17 de outubro de 1910), famoso autor do livro *A Persuasão e Retórica*, que cometeu suicídio aos vinte e três anos de idade. Em particular, este ensaio focaliza a relação entre a filosofia de Schopenhauer e a de Michelstaedter, a fim de explicar em que sentido ele deve ser considerado um “schopenhaueriano irregular”.

Palavras-chave: Persuasão; Retórica; Nihilismo metafísico

ABSTRACT

The present contribution aims to briefly present the life and work of the Italian philosopher Carlo Michelstaedter (Gorizia, 3 June 1887 - Gorizia, 17 October 1910), the famous author of *Persuasion and Rhetoric*, who died by suicide at the age of twenty-three. In particular, this essay focuses on the relationship between Schopenhauer's philosophy and Michelstaedter, in order to explain in what sense he must be considered an irregular Schopenhauerian.

Keywords: Persuasion; Rhetoric; Metaphysical nihilism

¹ Este ensaio desenvolve os temas abordados no seminário *Sobre a vida e a obra de Carlo Michelstaedter. O caminho da persuasão e as duas formas de retórica*, realizado em 31 de Outubro de 2020, dos Encontros de estudo do Núcleo de pesquisa Schopenhauer-Nietzsche/UEL-2020, Coordenador do NPSN Prof. José Fernandes Weber. Quero aqui agradecer em particular a Jorge Luis Palicer do Prado pelo convite e pela possibilidade de discutir o tema, e finalmente pela revisão definitiva do texto em português.

1 UMA TRÁGICA VIDA

Sobre a vida e obra do pensador de Gorizia, Carlo Michelstaedter, existe atualmente uma abundante literatura de estudos monográficos, ensaios e artigos, especialmente em italiano, dedicados a vários aspectos de seu pensamento, sua atividade pictórica e poética, ou sua história biográfica. Na Itália e, em parte, na Europa, vários aspectos do intelectual de Gorizia são agora estudados: a obra principal, os poemas, o aspecto pictórico (porque ele também foi pintor e desenhista habilidoso); sua carreira escolar no *Imperialregio Staatsgymnasium*, seus estudos universitários e até mesmo sua biblioteca. Uma monografia atualizada foi publicada recentemente por seu maior estudioso, Sergio Campailla (2019), que editou todas as suas obras e escreveu vários ensaios sobre este filósofo altamente original.

Esses estudos inexistem totalmente em português, e realmente me parece uma pena, já que ele é um dos pensadores mais interessantes da filosofia italiana do século XX e do schopenhauerismo mundial. Também não podemos ignorar o fato de que até agora existe uma tradução pouco conhecida para o alemão da obra-prima de Michelstaedter (1982)², mas não há nem mesmo um artigo sobre ele no *Schopenhauer-Jahrbuch*.

No entanto, a celebridade de Michelstaedter está ligada ao seu suicídio, em particular a um artigo de Giovanni Papini (intelectual florentino e seguidor de Schopenhauer), intitulado “Um suicídio metafísico” (PAPINI, 1910)³, em 5 de

² Há também uma tradução alemã da principal obra de Michelstadter Id., *Überzeugung und Rhetorik*, aus dem Italienischen übersetzt und herasgegeben von Federico Gerratana und Sabine Mainberger, mit einem Nachwort von Sabine Mainberger, Verlag Neue Kritik 1999.

³ G. Papini, *Un suicidio metafísico*, «Il Resto del Carlino», 5 novembre 1910, então com título *Carlo Michelstaedter in Ventiquattro cervelli*, Puccini, Ancona 1912, poi *24 cervelli*, Studio Editoriale Lombardo Milano, «C. Michelstaedter», p. 143- 148; Id., *Gli amanti di Sofia*, Vallecchi, Firenze 1932; infine, in Id., *Opere*, Arnoldo Mondadori, 10 voll., Milano 1962, vol. II “Dal «Leonardo» al Futurismo”, p. 817-822: 821: «Os suicídios por motivos metafísicos não são novos: basta recordar o célebre discípulo de Aristipo, Egesia, o “persuasor da morte” autor do “Desesperado” que muitos levaram, com a força das teorias, ao suicídio; e aquele também esquecido discípulo de Schopenhauer, Mainländer, que se matou no mesmo dia em que sua *Filosofia da redenção* apareceu nas vitrines dos livreiros; e por último, até onde eu sei, Weininger, o famoso autor de *Geschlecht und Charakter*». Mas o suicídio filosófico, depois do artigo de Papini, continuou a ser falado por muito tempo até os estudos mais recentes.

novembro 1910. Giovanni Papini, na época, não podia ainda ter lido uma linha de Michelstaedter, porque nada havia sido publicado. Entretanto, ele teve uma grande intuição. Na época, Michelstaedter era apenas um desconhecido de 23 anos, que deu um tiro na cabeça, em 17 de outubro de 1910, e que Papini sumariamente se aproximou das figuras de outros dois suicídios, muito distantes um do outro e muito diferentes: o famoso autor de *Geschlecht und Charakter*, Otto Weininger, e o quase desconhecido Philipp Mainländer de 34 anos, autor de uma obra inspirada em Schopenhauer intitulada *Die Philosophie der Erlösung (A filosofia da redenção)*⁴. Se Michelstaedter compartilha com Weininger a idade e a maneira do suicídio (o “tiro no nevoeiro” sobre o qual Max Nordau escreveu sobre o vienense), bem como a formação da Europa Central, com Mainländer não há apenas o destino suicida comum e a ascendência schopenhaueriana. A morte que para Mainländer é identificada com o absolutismo metafísico do *Wille zum Tode*, por outro lado, para Michelstaedter é uma indicação da indeterminação e inconsistência da existência humana.

Michelstaedter leva sua curta vida sem clamor literário e filosófico, mas a fama de sua morte imediatamente desperta aquele sucesso escandaloso que põe em movimento o interesse mórbido pelo suicídio em geral e pelo suicídio filosófico em particular. O pensamento se insere erroneamente na esteira de um certo romantismo *à la Werther*, embora Michelstaedter seja antes colocado no leito da tradição centro-europeia à qual pertencem as almas inquietas dos chamados *finis Austriae* do imperador Franz Joseph. Seu pensamento está repleto daquele clima fortemente conotado pela *Krisis*, seja dos modelos culturais, seja dos povos e mitos, numa palavra da “crise de identidade” a que se entrelaça a história específica da assimilação dos judeus, também vivido por Michelstaedter, cuja história se desenrola na variante de uma certa juventude de Trieste que estudou e se formou em Florença.

⁴ Sobre isso cfr. CIRACÌ, 2017, p. 19-49. Cf. também STELLINO, 2020.

Suas principais afeições são internas ao ambiente familiar - Carlo é o último de quatro filhos e muito apegado à irmã Paula - e ao círculo de alguns amigos; entre esses amigos, em Gorizia, estão Enrico Mreule (conhecido como Rico, futuro filólogo e estudioso do grego), Nino Paternolli (seu colega de escola, também estudioso do grego); em Florença, em vez disso, aparecem seus colegas de universidade, incluindo o napolitano Vladimiro Arangio-Ruiz⁵ (que fará seu segundo diploma em filosofia com o filósofo kantiano e schopenhaueriano Piero Martinetti), Giannotto Bastianelli (pianista) e Gaetano Chiavacci, este último editor da primeira edição de suas obras.

Sua formação se alia a um caráter impulsivo, intensa atividade esportiva, uma vida intelectual vivaz, caracterizada por interesses diversos: no ginásio ele teve talento para a matemática, tanto que intencionou se matricular em Viena e continuar esses estudos, como tantos outros entre seus pares (pense em Wittgenstein e seus estudos vienenses); no entanto, depois de visitar Florença, ele decide seguir sua paixão pela pintura, interessando-se paralelamente pela literatura, línguas e filosofia) e por acontecimentos sentimentais inquietos.

Durante o período da universidade, ele conhece uma fascinante mulher russa, com um passado sombrio, provavelmente envolvida em uma história de espionagem internacional. Ele cultiva por "Nadia B.", como também a chama em suas cartas, uma paixão amorosa, talvez platônica, que a culta e encantadora russa, a revolucionária Nadia Baraden, não retribui. A Baraden é divorciada, tem um passado tempestuoso e, por motivos que nos escapam por completo, põe fim à sua própria existência problemática, com um ato sensacional, no centro de Florença, atirando na própria cabeça. O fato acontece três anos antes do suicídio de Carlo Michelstaedter. Mais tarde, nos últimos anos de sua vida, Michelstaedter

⁵ A primeira edição de *La persuasione e la rettorica* será publicada por seu amigo Vladimiro Arangio-Ruiz, (Formíggini, Genova, 1913, sem os apêndices) e depois *Dialogo della salute – Poesie* (Formíggini, Genova 1912, sem os poemas em *Senia* que saíram no início de 1910 (*Michelstaedter. Poesie* 1910, «Opera prima», Milano, Garzanti, 1948, a c. di V. Arangio-Ruiz) junto com a prosa não publicada em «Il Convegno», 25 luglio 1922, Milano, sempre a cura di V. Arangio-Ruiz.

se apaixonou pela pianista Argia Cassini, a *Senia* dos poemas. No entanto, ele não se esquece de Baraden, em quem seu ideal de amor está desfigurado. Na verdade, não se pode excluir que seja justamente o tormento pela perda de Baraden e sua idealização que o levará à morte, até mesmo outras hipóteses foram recentemente propostas, como a vergonha de ter contraído sífilis, na única ocasião em que comparece um bordel⁶. O suicídio de Michelstaedter é provavelmente o resultado de todos esses fatores se unindo.

2 PENSAMENTO E FILOSOFIA

O interesse de Michelstaedter por Schopenhauer⁷ remonta à época em que frequentou o *imperialregio Staatsgymnasium* em Gorizia, quando foi iniciado na filosofia schopenhaueriana por seu amigo Enrico Mreule, um ano mais velho que ele, verdadeiro amante da filosofia de Schopenhauer a ponto de ser chamado de “Maia” seu barquinho (um veleiro de três metros). E, ironicamente, é justamente com a pistola roubada de Mreule, para evitar que este cometa um ato extremo, que Michelstaedter se mata, enquanto seu amigo Rico já partiu de Gorizia, para viver descontroladamente nos pampas argentinos, como um *gaúcho*⁸.

No sótão de Nino Paternolli, localizado no quarto andar do prédio onde fica a gráfica de seu pai Giovanni, no coração de Gorizia, os três colegas se reúnem

⁶ Sobre a vida atormentada de Nadia Baraden, judia russa, artista, revolucionária, e sobre sua história sentimental que terminou com o epílogo do suicídio, veja o magnífico e bem documentado ensaio de CAMPAILLA, 2010.

⁷ Sobre o tema específico da relação de Michelstaedter com Schopenhauer, ver em particular CAMERINO, 1988, p. 59-73; MICHELIS, 2004, p. I-LI: XIII- XXVI; LA ROCCA, 2011, p. 811-835; VISIONE, 2006, p. 295-334; VISIONE, 2014, p. 251-270.

⁸ Enrico Mreule (1 de junho de 1886 - 5 de dezembro de 1959), órfão de pai, não cultivava relações estreitas com sua família, mas sim com seus amigos fraternos, Nino Paternolli e Carlo Michelstaedter, colegas estudantes e colegas de escola, no *Staatsgymnasium imperialregio* de Gorizia. Ele confia a Michelstaedter e Paternolli que quer fugir para outro lugar e, de fato, na noite de 28 de novembro de 1909, aos 23 anos, Enrico Mreule - que havia escrito a Tolstoj declarando que queria se tornar seu discípulo - embarcou secretamente de Trieste a bordo do navio "Columbia" com destino aos mares da Argentina. Ele chega à Patagônia e passa a vida como gaúcho em substancial anonimato. Ele voltou para Gorizia apenas em 1922, devido à sua saúde debilitada, mas em vez da vida agitada de Gorizia ele preferiu o recluso em uma cabana perto do mar, na antiga vila de pescadores de Salvore (agora o Croata Savudrija), na ramificação extrema na parte oeste da Ístria, uma vez frequentada com Michelstaedter. Sobre Schopenhauer-Mreule, VISIONE, 2014; Id., *Vita e opere di Carlo Michelstaedter*, in *Carlo Michelstaedter. Un'introduzione*, cit., p. 19-38: 32-34. Ver também o sugestivo romance histórico-filosófico de MAGRIS, 1998, que tem Mreule como protagonista.

para ler e meditar sobre a obra-prima de Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*:

No fundo da sala, uma prateleira cheia de livros empilhados em desordem, na prateleira do meio um quadro em moldura que - se não nos enganamos - reproduz a cabeça de Schopenhauer aquela pintura sob a qual se reporta a máxima ΔΙ΄ ΕΝΕΡΓΕΙΑΣ ΕΣ ΑΡΓΙΑΝ, que Arangio-Ruiz publicou na "Convenção" de 1922 e cujo original já não se encontra disponível; também em um plano da fenda central ao lado da cabeça de Schopenhauer destaca-se uma caveira. Perto da prateleira há uma pequena mesa sobre a qual um castiçal e uma lanterna são colocados; à direita, dois sabres [Michelstaedter praticava esgrima] e um lançador. No centro da sala há uma escrivaninha atulhada de papéis e livros, e nela reconhecemos um florentino, provavelmente aquele para o qual Carlo construiu com suas próprias mãos o *abajur* com torres e janelas inscritas com as frases dos pré-socráticos, uma escada se apoia na janela do sótão e leva ao telhado por onde ele subiu para acompanhar, com a luz do sol poente, a jornada de Mreule à sua partida. Parcialmente irônico, em parte sério: Τῆδε δὴ ἔγω μὲν βίον fine, abaixo do desenho você pode ler as seguintes palavras em ἄβιον διαβιώω ἔργον δὲ μέγα φύει [tr. Aqui eu vivo uma vida que não pode ser vivida, mas uma grande obra nasceu]⁹.

O retrato mencionado na memória é o expressionista de Schopenhauer feito por Michelstaedter, em cuja presença, no mesmo sótão, escreverá posteriormente a sua tese de licenciatura. É neste período que, ao lado das leituras dos clássicos gregos, de Homero, das tragédias (Ésquilo e Sófocles) e de Platão, os três amigos se encontravam para ler e comentar, à luz de uma lanterna "florentina", as obras de Ibsen, Leopardi, Tolstoj, o Evangelho, os escritos de Buda e os antigos Upanishads, falar uns com os outros em grego, quase uma segunda língua materna, e ler *o Mundo* de Schopenhauer no alemão original. «[...] Rico é de poucas palavras, pronuncia frases com lapidar sabedoria; Nino é mais condescendente, disposto ao diálogo. São discussões animadas, Carlo volta para casa cheio de entusiasmo» (ARBO, 1997, p. 18).

Michelstaedter sabia grego tão bem que não só podia escrever, mas também falar com seus dois amigos em grego. Será lembrado que um deles foi professor de grego na universidade. Para dizer a verdade, Michelstaedter quase parece

⁹ DI CARO, R. 2016.

pensar em grego, como uma língua original, ainda não corrompida pela modernidade, uma língua na qual o sentido das coisas ainda não se perdeu.

Assim, nos deparamos com um pensador que é também um profundo conhecedor da filosofia grega, que está formando-se em Filologia Grega. É preciso lembrar que seu trabalho é sua tese de graduação. Mas sua obra está longe de ser uma tese clássica sobre a retórica antiga: os interlocutores de Michelstaedter, Platão e Aristóteles, não são mais apenas dois filósofos antigos, mas duas presenças totêmicas e atuais, dois poderes humanos e arquetípicos que agem como categorias explicativas para a compreensão do homem. Na verdade, o estudo da persuasão e da retórica grega é a sala escura na qual focaliza as luzes e, acima de tudo, as sombras da existência humana.

Tudo isso é comprovado desde o início de sua tese, sua obra-prima (mas não única), *La persuasione la rettorica (A persuasão e a retórica)*¹⁰. Lerei agora uma tradução do *incipit* desta obra extraordinária, em que Schopenhauer na verdade não é mencionado, ele é citado apenas uma vez, quase por acaso só no meio da obra:

Eu sei que quero e não tenho o que quero. Um peso pende de um gancho, e para pendurá-lo sofre que não pode descer: não pode sair do gancho, pois depende de quanto peso pende e de quanto pende.

Queremos satisfazê-lo: libertá-lo de seu vício; nós o deixamos ir, o deixamos saciar sua fome pelo mais baixo e desça independentemente até que esteja feliz em descer. - Mas em nenhum ponto chegar a parar o satisfaz e ele quer descer, pois o próximo ponto supera em baixa o que sempre foi. E nenhum dos pontos futuros será suficiente para satisfazê-lo, o que será necessário para sua vida, enquanto esperar por ele (ὄφρα ἂν

So che voglio e non ho cosa io voglia. Un peso pende ad un gancio, e per pender soffre che non può scendere: non può uscire dal gancio, poiché quant'è peso pende e quanto pende dipende.

Lo vogliamo soddisfare: lo liberiamo dalla sua dipendenza; lo lasciamo andare, che sazi la sua fame del più basso, e scenda indipendente fino a che sia contento di scendere. - Ma in nessun punto raggiunto fermarsi lo accontenta e vuol pur scendere, ché il prossimo punto supera in bassezza quello che esso ogni volta tenga. E nessuno dei punti futuri sarà tale da accontentarlo, che necessario sarà alla sua vita, fintanto che lo aspetti (ὄφρα ἂν μένη αὐτόν) più basso; ma

¹⁰ Outra obra fundamental da produção filosófica de Michelstaedter é representada pelo *Diálogo da saúde*, que de alguma forma representa a "filosofia positiva" michelstaedteriana. Cf. MICHELSTAEDTER, 2003.

μένη αὐτόν) mais baixo; mas cada vez que for apontado, cada ponto se esvaziará de toda atração, não sendo mais inferior, de modo que em cada ponto faltam os pontos mais baixos e cada vez mais estes o atraem: sempre tem uma fome igual do mais baixo, e a vontade de descer ainda permanece infinita. ogni volta fatto presente, ogni punto gli sarà fatto vuoto d'ogni attrattiva non più essendo più basso, così che in ogni punto esso manca dei punti più bassi e vieppiù questi lo attraggono: sempre lo tiene un'ugual fame del più basso, e infinita gli resta pur sempre la volontà di scendere¹¹.

Vontade é o que domina o mundo. É schopenhauerianamente fome de vida, mas, ao contrário do que afirma Schopenhauer, não coincide com a própria vida¹². Enquanto para Schopenhauer o *Wille* é, ao mesmo tempo, a essência do mundo e objetificação e, portanto, como o Cronos hesiodiano, se alimenta do que gera; em Michelstaedter, por outro lado, essa coincidência entre vontade e vida não tem lugar. A vontade é antes de tudo e constitutivamente uma falta, «A sua vida é esta falta da sua vida». Ele se comporta como um homem sério, cuja força se expressa em sua tendência constante para baixo, sem descanso, com todo o peso de sua existência.

De forma autônoma e paralela, Michelstaedter parece aqui apresentar uma perspectiva metafísica que, com as devidas diferenças, lembra a ideia formulada pelo schopenhaueriano Julius Bahnsen que, desenvolvendo sua *Realdialética* sobre o conceito de contradição, em seu monumental *Der Widerspruch* chega à ideia de que «a vontade quer o que não quer, e não quer que é o que quer» (BAHNSEN, 1880/1882, p. 53), ou - como explica Domenico M. Fazio - é «a vontade de vida (*Wille zum Leben*), que não quer a vida porque é dor; é a vontade de vida enquanto *Wille vom Leben*, ou seja, a vontade de morte, que não quer a morte porque é a vontade de vida» (FAZIO, 2009, p. 13-212: 88). Este é obviamente um desenvolvimento da metafísica de Schopenhauer em um sentido niilista, que tem como ponto de partida substancial o fundamento da individualidade sobre o nada.

¹¹ PR, p. 39.

¹² WWV, I, S. 324: «und da was der Wille will immer das Leben ist, eben weil dasselbe nichts weiter, als die Darstellung jenes Wollens für die Vorstellung ist; so ist es einerlei und nur ein Pleonasmus, wenn wir statt schlechthin zu sagen, „der Wille“, sagen „der Wille zum Leben“».

Só que para Michelstaedter não é um nada absoluto. Michelstaedter, como todo filósofo do século XX, se opõe a absolutos, a *oi-ismos*. Além disso, o pensador de Gorizia estende a falta constitutiva de vida à temporalidade de que o homem é constituído, uma temporalidade que na metafísica Bahnsen está completamente ausente e que priva toda substância de seu absoluto, mesmo a de *Nichtsein*:

Nem toda vida se contenta em viver em qualquer presente, que é vida tanto quanto continua, e continua no futuro, tanto quanto falta do viver.

Que se você possuísse tudo aqui e não lhe faltasse nada, se nada esperasse por isso no futuro, não continuaria: deixaria de ser vida.

Muitas coisas nos atraem no futuro, mas no presente queremos possuí-las em vão.

Né alcuna vita è mai sazia di vivere in alcun presente, che tanto è vita, quanto si continua, e si continua nel futuro, quanto manca del vivere.

Che se si possedesse ora qui tutta e di niente mancasse, se niente l'aspettasse nel futuro, non si continuerebbe: cesserebbe d'esser vita.

Tante cose ci attirano nel futuro, ma nel presente invano vogliamo possederle¹³.

Muitas coisas nos atraem no futuro, mas no presente queremos possuí-las em vão. Quanto a Schopenhauer, o presente é a única dimensão em que o indivíduo vive, exceto que para Michelstaedter é a dimensão em que o indivíduo percebe sua própria incoerência, o tempo em que compreende a falta de vida, que é sempre colocado no futuro. Portanto, a vida ainda não existe, então o indivíduo anseia por ela, sem nunca ser capaz de alcançá-la. Desse modo, mesmo sua individualidade falha, «escapa a posse de si: mas o que ele quer e tanto se ocupa com o futuro lhe escapa em cada presente»¹⁴.

Desse modo, até a temporalidade humana se expressa, mais uma vez, como uma falta, como um déficit ontológico constitutivo. No entanto, seria um erro confundir a temporalidade deficiente do indivíduo com a história. A temporalidade michelstaedteriana é sempre atual, quase a intervenção de um *kairós*, como argumentou o filósofo italiano Massimo Cacciari, e se dá em um eterno presente,

¹³ PR, p. 40.

¹⁴ PR, p. 41.

portanto, como lembrou Sergio Campailla, *La persuasione e la rettorica* «é um verdadeiro manifesto de anti-historicismo» (CACCIARI, 1986, p. 21-36: 24-26).

Se, como escreve Michelstaedter com Górgias, «persuadido é aquele que nele tem a sua vida»¹⁵, então a persuasão é impossível, nunca pode acontecer porque a vida nos escapa, é adiada para o futuro, momento a momento. No entanto, isso não significa necessariamente que o homem – como muitas críticas sustentam – não tenha outra escolha senão o suicídio. «Esta deficiência contínua - escreve Michelstaedter - para a qual tudo o que vive morre a cada momento continuando - tudo o que vive é considerado vida»¹⁶ define a natureza do homem, não prescreve a morte, mas descreve a vida¹⁷.

«A vida seria uma, imóvel, sem forma, se pudesse consistir em um ponto»¹⁸, mas não se exprime com a plenitude do ser, ao contrário, apresenta-se como falta, essência contaminada por nada e contida entre dois nada: o nada de onde provém e o nada a que se destina. Nesse sentido, a persuasão «nega o tempo e a vontade, em todos os momentos é deficiente»¹⁹. O mesmo curso do tempo assume então uma conotação niilista, uma vez que tudo é vocacionado para o nada, os mesmos elementos químicos têm uma existência relativa que no final prevê a

¹⁵ PR, p. 42.

¹⁶ PR, p. 43.

¹⁷ Quero aqui chamar a atenção para o recente livro de Thomas Vašek, *Schein und Zeit. Martin Heidegger und Carlo Michelstaedter. Auf den Spuren einer Enteignung*, Matthes & Seitz Berlin 2019; tr. it., Id., *Heidegger e Michelstaedter. Un'inchiesta filosofica*, Mimesis 2021. Neste livro, o autor constrói um paralelo entre os dois pensadores, baseando seu ensaio na hipótese (não comprovada, por admissão de seu próprio autor: cf. Id., p. 10) de que Heidegger conhecia a obra de Michelstaedter e dela se inspirava. Além da hipótese historiográfica questionável e imaginativa, o que mais não é convincente sobre o livro de Vašek é o paralelo entre os dois sistemas filosóficos. Em particular, o tema da temporalidade: *A Persuasione e la rettorica* é o manifesto do *astoricismo* (i.e. não-historicismo e anti-historicismo), a plenitude da vida é apreendida exclusivamente no presente, assim como sua finitude; toda projeção do homem no futuro (como esperança) ou no passado (como nostalgia) é uma fuga do momento presente. Tudo isso está em clara oposição a Heidegger, para quem o tempo presente é apenas o de *Vorhandenheit*, da simples presença; em vez disso, o *Dasein* deveria apreender sua própria dimensão temporal evitando a relação única do ser mesmo com o presente. Finalmente, ao contrário do que escreve Vašek (talvez muito condicionado pela interpretação questionável de Julius Evola do pensamento de Michelstaedter), o pensador Gorizia não prescreve o suicídio, embora o tenha praticado mais tarde. Sobre a diferença entre filósofos suicidas e suicídio metafísico, gostaria de referir-me ao meu ensaio *Modelli per un suicidio filosofico. Da Kant a Mainländer in Per mari inesplorati*. cit., p. 19-49. Cf. também Paolo Stellino, *Philosophical Perspectives on Suicide*, cit.

¹⁸ PR, p. 43.

¹⁹ Cfr. Id., *Il dialogo della salute e altri dialoghi*, cit., "Il dialogo della salute" (1910), p. 72: «È dunque la nascita il caso mortale per cui gli uomini muoiono ad ogni istante in tutto ciò che vogliono [Assim, o nascimento é o caso mortal em que os homens morrem a qualquer momento em tudo o que desejam]».

“relação mortal” (no italiano, *l'amplesso mortale*)²⁰ eles se dissolverão em outra forma, que, por sua vez, tenderá no entanto_a uma posterior dissolução subordinada ao primeiro, do inorgânico ao orgânico e vice-versa.

Enquanto espera pelo prazer mortal, a existência fica entediada. Aqui parece apresentar-se um tema tipicamente caro ao grande poeta italiano Giacomo Leopardi, o do tédio, como instrumentos de compreensão existencial. Mas o tema também é muito schopenhaueriano. Michelstaedter parece passar por cima do texto schopenhaueriano das páginas sobre a eudemonologia do mundo nas margens e retomar o movimento oscilatório entre a dor e o tédio. No entanto, ele desenvolve de forma autônoma o tema da φιλοψυχία (philopsiquia)²¹, ou seja, a ideia de que o homem pode ceder à adulação do prazer, afirmando sua vida e dizendo "eu sou", para que, esperando-se no futuro, "o que ele vive persuadiu-se a ser vida, qualquer que seja a vida que ele viver". O homem desencadeia assim um processo ilusório, que gera a esperança de sua própria autonomia e consistência: «A ilusória persuasão segundo a qual ele quer as coisas válidas em si mesmas e age para um determinado fim, e afirma ele mesmo como um indivíduo que tem razão em si mesmo - nada mais é do que a vontade de si mesmo no futuro: ele quer e não vê nada além de si mesmo»²².

Para Michelstaedter, portanto, a retórica cobre a vida, a distorce. No entanto, a retórica tem duas formas distintas: prazer e conhecimento. São duas formas de ilusão que conduzem o homem pelo caminho de uma vida inautêntica. O prazer é a ilusão da felicidade, segundo a qual a felicidade é alcançada nas coisas (aqui também parece lembrar o Schopenhauer de *Parerga e paralipomena*, da "sabedoria de vida"), mas o prazer é ele mesmo ilusório, porque desaparece assim que conseguirmos o que queremos.

²⁰ PR, p. 47.

²¹ PR, p. 50, 55.

²² PR, p. 54.

Os homens não vivem porque perseguem as coisas; não vivem, porque movem a felicidade para o futuro e não desfrutam do presente, não *saboreiam* o momento. A influência de Nietzsche também é muito evidente nessas palavras, a sua presença é evidente na necessidade de apreender o presente, de viver o presente, o momento, *hic et nunc*. Mas, ao contrário de Nietzsche, Michelstaedter não pede um aumento da vontade, não quer um *Wille zur Macht*. Em vez disso, ele pede para aceitar sua própria existência, sem guerras; para viver o momento sem a necessidade de um eterno retorno do mesmo. Segundo Michelstaedter, não há mais diferença entre fenômeno e noumeno, o véu de Maia caiu. A vontade é imanente e deve ser aceita em sua plenitude.

Tudo isso leva Michelstaedter a afirmar que somente a morte confronta os homens com a inconsistência de suas ilusões de felicidade e autonomia. A morte é, portanto, a experiência da finitude da vida, quase um instrumento da análise existencial de Michelstaedter, mas não um fim em si mesma. No entanto, o homem gostaria ao menos de poder contar com a certeza da morte, com a certeza de morrer, na tentativa de olhar para o futuro, fugir - mais uma vez - do presente; mas na realidade «*Quem teme a morte já está morto*»²³. Ainda escreve Michelstaedter «Para quem tem a sua vida no presente, a morte nada leva; pois nele, nada mais pede para continuar; nada está nele por medo da morte - nada é assim porque é assim dado a ele desde o nascimento como necessário para a vida. E a morte só tira o que nasceu»²⁴. Nesse sentido, para o filósofo de Gorizia, que desenvolve uma posição individualista irreduzível, «Cada um é o primeiro e o último, e [...] deve criar a si mesmo e ao mundo, que antes dele não existe: deve ser senhor e não escravo em sua casa». O persuadido é aquele que pratica o *amor fati*, pois cada momento do tempo não é sugado pelo próximo, em um vôo infinito para o futuro, mas adquire plenitude: «Cada momento seu é um século da vida dos outros, - até ele

²³ PR, p. 69.

²⁴ PR, p. 70: «A chi ha la sua vita nel presente, la morte nulla toglie; poiché niente in lui chiede più di continuare; niente è in lui per la paura della morte – niente è così perché così è dato a lui dalla nascita come necessario alla vita. E la morte non toglie che ciò che è nato».

se faz uma chama e passa a consistir no último presente. Nisto ele será persuadido - e terá paz na persuasão. - δι' ἐνεργείας ἐς ἀργίαν, da energia à sua ausência, à inércia»²⁵. A plenitude da vida vivida no tempo presente põe fim ao tempo linear edípico, em que cada momento se esvazia do seguinte. Aqui, também, um forte eco nietzschiano pode ser reconhecido, mas Michelstaedter não precisa recorrer à hipótese moral (de acordo com outra interpretação, para a tese cosmogônica) do eterno retorno.

Como dissemos, finalmente, existe uma segunda forma de retórica, a do conhecimento. Conhecimento lógico, conhecimento científico, que acredita que pode conhecer as coisas de uma vez por todas, apreender a essência das coisas, ser capaz de "dizê-las", usar a linguagem como uma armadilha metafísica para as essências. O conhecimento divide a vontade, ele a duplica em sua aparência inautêntica. Aqui ainda podemos ouvir o forte eco de Schopenhauer, o dualismo schopenhaueriano entre a vontade como essência irracional da vida e o fenômeno como representação sistemática ou como conhecimento que subjaz ao *principium individuationis*.

Michelstaedter escreve «A vontade sabe que quer o que não quer, e sabe que não quer isso que quer» e ao mesmo tempo «não sabe o que quer». Isso significa que, se a crítica de todo absoluto leva Michelstaedter a dissolver todo dualismo entre corpo / alma e fenômeno / nómeno, resta outra forma de dualismo, também schopenhaueriana: «sua vida, e seu conhecimento », eles permanecem um ao lado do outro, reciprocamente (WWV, I, 53, § 9, p. 52).²⁶

²⁵ PR, p. 89: «Ogni suo attimo è un secolo di vita degli altri, - *finché egli faccia di sé stesso fiamma*²⁵ e giunga a consistere nell'ultimo presente. In questo egli sarà persuaso – ed avrà nella persuasione la pace. - δι' ἐνεργείας ἐς ἀργίαν». Cf. C. Michelstaedter, *Il dialogo della salute e altri dialoghi*, cit., "Il dialogo della salute" (1910), p. 80-81: « Em sua vã invocação de morte, será um ato de vida - pois em um ponto sua difusa vontade terá se reunido e feito uma *fiamma*. [Alla la tua vana invocazione della morte sarà atto di vita – poiché in un punto la tua volontà diffusa si sarà raccolta e avrà fatto di sé stessa *fiamma*]».

²⁶ «Mas à lógica nada disso pode ser concedido, pois ela é meramente o saber *in abstracto* daquilo que cada um sabe *in concreto*».

Mas, como esse conhecimento se afirma ao lado da vida que se afirma em todos os pontos enquanto se afirma?

Quando o homem diz "isto é", ele afirma diretamente sua própria pessoa, sua própria realidade (*via diretta*).

Quando o homem diz "eu sei que isso é", ele se afirma diante de sua própria realidade (forma conjunta).

No primeiro caso ele quer algo, ele afirma o caminho, a pessoa de sua vontade. No ponto em que coloca algo como real fora de si mesmo, ele diz o sabor [*sapore*]²⁷ que as coisas têm para ele, sua consciência, seu conhecimento - seja o que for.

Por sua ilusão, ele diz que "é" o que "é para ele"; ele diz bem, tanto quanto ele gosta ou não gosta.

Quando o homem diz "Eu sei que isto é", ele "se quer desejoso": ele mais uma vez afirma sua pessoa diante de um elemento de realidade que não é outro senão a afirmação de sua própria pessoa. Ele coloca sua pessoa em todas as suas afirmações como real fora de si mesmo.

Ma come s'afferma questo sapere accanto alla vita che in ogni punto s'afferma come s'afferma?

Quando l'uomo dice «questo è», afferma direttamente la propria persona, la propria realtà (*modo diretto*).

Quando l'uomo dice «so che questo è», egli si afferma di fronte alla propria realtà (modo congiunto).

Nel primo caso egli vuole qualche cosa, egli afferma il modo, la persona della sua volontà. Nel punto ch'egli mette una cosa come reale fuori di sé, egli dice il sapore che hanno per lui le cose, la sua coscienza, il suo sapere - quale esso anche sia.

Per la sua illusione egli dice che «è» quello che «è per lui»; lo dice buono, cattivo quanto gli piace o gli dispiace²⁸.

Quando l'uomo dice «io so che questo è», egli «vuole sé stesso volente»: egli afferma nuovamente la sua persona di fronte a un elemento della realtà che non è altro che l'affermazione della sua stessa persona. Egli mette la sua persona nella sua qualunque affermazione come reale fuori di sé²⁹.

Michelstaedter chega a essa conclusão desconstruindo de dentro o *princípio de consciência* de Karl L. Reinhold (1790, p. 167)³⁰ adotado por Schopenhauer, que é o fato de que todo objeto e sujeito o são em relação à consciência: se de fato não há mais diferença entre nóúmeno e fenômeno, isto é, se nem um sujeito nem um

²⁷ Aqui Michelstaedter usa o termo *sabor* em seu valor etimológico, de *sapio* (latino) = eu gosto, portanto eu sei.

²⁸ PR, p. 97. Cfr. Id., *Parmenide ed Eraclito. Empedocle. Appunti di filosofia*, a c. di Alfonso Cariolato ed Enrico Fongaro, SE, Milano 2003, p. 28, frammento [18]: «Il mondo delle cose che nascono e muoiono è per noi, è per le cose, è per chi vive e vuole e fugge nel tempo senza trovar mai contentezza. Che giova parlar di categorie e di principi e di apriorismi sottintendendo una *cosa in sé*, un mondo *assoluto*: ma se quello fosse, non ci sarebbe questo [O mundo das coisas que nascem e morrem é para nós, é para as coisas, é para aqueles que vivem e querem e fogem no tempo sem nunca encontrar contentamento. De que adianta falar sobre categorias e princípios e apriorismos abaixo em dar uma coisa em si, um mundo absoluto: mas se isso fosse, não haveria]».

²⁹ PR, p. 97.

³⁰ «§1. Im Bewußtseyn wird die Vorstellung durch das Subjekt vom Subjekt und Objekt unterschieden und auf beyden bezogen».

objeto existe dentro da representação como uma manifestação objetiva da vontade, então 1. a afirmação da vontade do homem não é mais absoluta, uma vez que não mais coincide com sua vida, com sua declaração; 2. não há mais representação, nem sujeito-para-o-objeto, nem objeto-para-sujeito, mas apenas uma correlação recíproca, um *emaranhado de centros*. Tudo isso é afirmado porque a própria possibilidade de distinguir entre uma coisa em si e os fenômenos só é tal na face da consciência, de modo que o mundo que a precede não conhece tal diferença.

Cada afirmação, seja do querer ou do saber, permanece, portanto, inadequado, o homem *quer* constituir uma pessoa «com a afirmação da pessoa absoluta que ele não tem: é afirmação inadequada da individualidade: retórica»³¹. Justamente por isso, Michelstaedter pode afirmar que «A vida é um valor irracional em toda consciência, um erro implícito de lógica (ἄλογος κατά φύσιν, Heráclito) - mas a retórica tem duas vezes o fator irracional da ilusão»³², tanto como afirmação direta do próprio ser, tanto como afirmação indireta de um conhecimento desse ser, retórica do ser e retórica do saber, em relação *ao sujeito e ao objeto de saber e de querer*.

Nesse sentido, Michelstaedter é ainda mais radical que Schopenhauer, para quem os fenômenos são pura aparência e, portanto, o mundo que conhecemos é um fantasma: o mundo de Michelstaedter tem uma dupla incoerência, é um salto mortal no vazio da afirmação retórica, uma ilusão elevada ao poder, pois o conhecimento é um espelho que deforma o já efêmero raio da vida, distanciando-nos ainda mais. A Retórica é a pretensão de manter a reverberação da vida no conhecimento como verdadeira e absoluta.

³¹ PR, p. 98. Do lado oposto, ao contrário, Schopenhauer, para quem todo grau de afirmação da vontade metafísica corresponde à sua adequada objetivação como ideia: «Todas as partes da natureza se unem, porque uma é a vontade que se manifesta em todas as elas, enquanto a sucessão temporal é completamente alheia à sua objetividade original e apenas adequada [...] às ideias», WWV, Livro II, § 28. «Todas as partes da natureza se encaixam, pois é uma Vontade UNA que aparece em todas elas. O curso do tempo, todavia, é totalmente estranho à sua única OBJETIDADE ADEQUADA e originária [...]às Ideias.» SCHOPENHAUER, 2005.

³² Ibidem, em nota. Cf. NIETZSCHE, 1965, livro III; af. 110 “Origine della conoscenza” e af. 111 “Origine del logico”, p. 118-122.

A natureza da vida é, portanto, trágica e ao mesmo tempo desprovida de consistência. Se por um lado a vontade é a falta de vida, o conhecimento desta falta não pode redimir o homem, como gostaria Schopenhauer. O homem só pode viver o momento, pois o conhecimento multiplica a ilusão de possuir vida.

Michelstaedter reforma a filosofia de Schopenhauer, para que o mundo não seja mais descrito pelo hiato metafísico entre vontade e representação, mas oscile entre ilusão e liberdade, entre retórica e persuasão, entre falta-de-ser e ser, entre inautenticidade e autenticidade, se define de duas situações existenciais diferentes, que obrigam o indivíduo a escolher, ou seja, a entrar em conflito com a vida, *ai ferri corti com la vita*³³, como escrevi Michelstaedter³⁴.

Michelstaedter, como Giuseppe Rensi, é, portanto, um schopenhaueriano *sui generis*, um schopenhaueriano irregular. Se se quer realmente considerá-lo um metafísico, deve-se especificar que se trata de uma metafísica negativa, que rejeita o absoluto, que foge à definição, porque a vida, como quer Schopenhauer, não se deixa cortar e puxar na *cama de Procusto* do intelecto.

Em conclusão, esta apresentação sintética do pensamento de Michelstaedter, em que muitos aspectos do pensamento do filósofo de Gorizia não podem ser discutidos por razões de espaço, não pretende ser exaustiva, mas antes um estímulo para um aprofundamento do pensador da *Persuasão e a retórica*, grande intelectual e artista, que se suicidou aos 23 anos por motivos ainda não totalmente claros para nós, mas já muito profundos, que ainda tem muito a nos ensinar.

³³ PR, p. 129. Cfr. Id., *Il dialogo della salute e altri dialoghi*, cit., "Il dialogo della salute" (1910), p. 85.

³⁴ Roberta Visone procurou destacar que a ausência de referências explícitas ao pensamento de Schopenhauer nos escritos de Michelstaedter deriva de uma crítica severa da o pensador de Gorizia, que aponta Schopenhauer como aquele que, longe de extrair as últimas consequências de seu "pensamento principal", "ele viveu uma longa vida fazendo uma profissão de pessimismo". Cf. VISIONE, 2018.

REFERÊNCIAS

Obras de Carlo Michelstadter

MICHELSTADTER, Carlo. **Epistolario**, a cura di S. Campailla, Adelphi, 1983.

MICHELSTADTER, Carlo. **Il dialogo della salute e altri dialoghi**, a cura di S. Campailla, Adelphi, 2003.

MICHELSTADTER, Carlo. **La persuasione e la rettorica**, a cura di S. Campailla, Adelphi, 1982. (=PR)

MICHELSTADTER, Carlo. **La melodia del giovane divino**, a cura di S. Campailla, Adelphi, 2010.

MICHELSTADTER, Carlo. **Parmenide ed Eraclito. Empedocle. Appunti di filosofia**, a cura di A. Cariolato ed E. Fongaro, SE, Milano 2003.

MICHELSTADTER, Carlo. **Sfugge la vita. Taccuini. Appunti**, a cura di A. Michelis, Aragno, 2004.

Literatura secundária

ARBO, A. **Carlo Michelstaedter**. Pordenone-Padova, Edizione Tesi Studio, 1997.

BAHNSEN, J. **Der Widerspruch im Wissen und Wesen der Welt**. Princip und Einzelbewährung der Realdialektik, 2 Bde. Leipzig, 1880/1882.

CACCIARI, M. **Interpretazione di Michelstaedter**, «Rivista di Estetica», 26, p. 21-36, 1986.

CAMERINO, G. A. **La persuasione e i simboli. Michelstaedter e Slataper**, Istituto Propaganda Libreria, 1993.

CAMERINO, G. A. **L'impossibile cura della vita e della società. Affinità di Michelstaedter con Svevo e la cultura absburgica**, in **Dialoghi intorno a Michelstaedter**, a c. di S. Campailla, Biblioteca Statale Isontina, Gorizia 1988, p. 59-73.

CAMPAILLA, S. **Ai ferri corti con la vita**. Comune di Gorizia, 1981.

CAMPAILLA, S. **Un'eterna giovinezza**. Vita e mito di Carlo Michelstaedter, Marsilio, 2019.

CAMPAILLA, S. **Il segreto di Nadia B**. La musa di Michelstaedter tra scandalo e tragedia, Marsilio, 2010.

CIRACÌ, F. **Modelli per un suicidio filosofico. Da Kant a Mainländer**, in **Per mari inesplorati. Studi in onore di Domenico M. Fazio**, intr. di F. Ciraci, a c. di S. Apollonio, M. Carparelli e F. Giordano, Pensa MultiMedia, Lecce 2017, p. 19-49.

DI CARO, R. **Michelstaedter, la mobilitazione per salvare la soffitta del filosofo**, «L'Espresso», Cultura, 9 novembre 2016.

FAZIO, D. "La scuola di Schopenhauer. I contesti", in **La scuola di Schopenhauer. Testi e contesti**, a cura del Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola dell'Università del Salento, Schopenhaueriana 2, Pensa MultiMedia, Lecce 2009, p. 13-212.

LA ROCCA, C. **La persuasione (e l'oratoria)**, «Humanitas», 2/2011, edição monográfica em **Carlo Michelstaedter, un classico del Novecento**, a c. di A. Michelis, p. 811-835.

MAGRIS, C. **Un altro mare**. Milano, Garzanti, 1998.

MICHELIS, A. Introduzione a Carlo Michelstaedter. Sfugge la vita. In C. Michelstaedter, **Taccuini e appunti**. Aragno, Torino 2004.

NIETZSCHE, F., **Opere di Friedrich Nietzsche**, edizione italiana condotta sul testo critico stabilito da Giorgio Colli e Mazzino Montinari, Adelphi 1965 e ss.

PAPINI, G. **Un suicidio metafisico**, «Il Resto del Carlino», 5 novembre 1910.

PAPINI, G. Carlo Michelstaedter, in **24 cervelli**, Studio Editoriale Lombardo Milano, «C. Michelstaedter», p. 143- 148.

PAPINI, G. **Gli amanti di Sofia**. Firenze: Vallecchi, 1932.

PAPINI, G. **Opere**, Arnoldo Mondadori, 10 voll., Milano 1962, vol. II "Dal «Leonardo» al Futurismo", p. 817-822.

PEREGO, L.; STORACE, E. S.; VISIONE, R. (a cura di). **Carlo Michelstadter**. Un'introduzione, Albo Versorio, 2005.

REINHOLD, K. L. Neue Darstellung der Hauptmomente der Elementarphilosophie (1790), erste Theile, Der Satz des Umbewusstseyns, in Id., **Beiträge zur Berechtigung bisherigen Missverständnisse der Philosophen**, hrsg. v. J. M. Mauke, Jena 1790.

STELLINO, P. **Philosophical Perspectives on Suicide: Kant, Schopenhauer, Nietzsche, and Wittgenstein**, Springer Nature, 2020.

VAŠEK, T. **Schein und Zeit. Martin Heidegger und Carlo Michelstaedter**. Auf den Spuren einer Enteignung, Matthes & Seitz Berlin 2019; tr. it., Id., **Heidegger e Michelstaedter. Un'inchiesta filosofica**, Mimesis 2021.

VISIONE, R. **L'incidenza di Schopenhauer sul pensiero di Carlo Michelstaedter**, «Archivio di storia della cultura», 19, p. 295-334, 2006.

VISONE, R. **L'incidenza di Schopenhauer sulla filosofia michelstaedteriana**, in **Schopenhauer. Pensiero e fortuna**. Atti del II Convegno Nazionale della Sezione Italiana della Schopenhauer-Gesellschaft, Corigliano d'Otranto, 19, 20 e 21 giugno 2014, a c. di S. Apollonio e A. Novembre, Pensa MultiMedia, p. 251-270.

VISONE, R. **Visse tutta una lunga vita a fare professione di pessimismo: Michelstaedter vs Schopenhauer**. Napoli: FedOA-Federico II University Press, 2018.

Contribuição de autoria

1 – Fabio Ciraci:

Professore Associato di Storia della Filosofia, Università del Salento, Lecce, Italia

<https://orcid.org/0000-0002-6403-4096> • fabio.ciraci@unisalento.it

Contribuição: Escrita – Primeira Redação

Como citar este artigo

CIRACÌ, Fabio. O mundo como persuasão e retórica de Carlo Michelstaedter. **Voluntas Revista Internacional de Filosofia**, Santa Maria, v. 12, e06, 2021. DOI 10.5902/2179378667752. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2179378667752>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.